

BRANDÃO, Izabel. *Ilha de olhos e espelhos*. Maceió: Edufal, 2003. 111 p.

## OS OLHOS CONTINENTAIS DE IZABEL BRANDÃO

Fernando Fiúza\*

A literatura em geral, e a poesia em particular, de Homero aos séculos XVI e XVII franceses, foi um clube do Bolinha, salvo a fugidia cintilância de Safo e uma suposta autora do Cântico dos Cânticos. Nem como tema era fácil encontrar a mulher na poesia lírica – na épica, eram deusas ou semideusas, e na dramática, se não eram semideusas, eram fatais. A Beatriz de Dante ainda é apenas ar e a Laura de Petrarca, uma musa de bolso – coube nos 14 versos do soneto. Shakespeare é quem começa a fazê-las humanas e convincentes. A mulher, portanto, tanto como autora, quanto como personagem, é moderna. Antiga de nascença e moderna por circunstâncias. A acumulação de capitais e a carência de mão-de-obra é que abriram a brecha por onde ela passou e se expandiu, a ponto de não mais precisar dos homens, nem para fazer filhos, muito menos poesia.

Izabel Brandão, que lançou há pouco seu segundo livro, *Ilha de Olhos e Espelhos* (Edufal, 2003), vive nessa ponta-de-lança do tempo, no extremo feminino, que é guardar a feminilidade ao lado da sofisticação cognitiva. Não mais a madame “ancien régime” que sustentava salões, mas a que tem na sala de aula (ela é professora de literatura na UFAL) e nos leitores seu salão. É moderna (mesmo que torça o nariz para a modernidade: “não gosto da modernidade”), até pelo fato de criar, ao lado de uma obra poética, uma outra, ensaística – *A imaginação do feminino segundo D. H. Lawrence*, 1999, e outros. Desdobra-se – as dobras são barrocas, são mulher.

*Ilha de Olhos e Espelhos* liga-se ao livro anterior, *Espiral de Fogo* (Edufal, 1998, esgotado) pela força expressiva dos versos não

---

\* Doutor em Literatura e pesquisador do PPGLL, Universidade Federal de Alagoas.

metrificados (desde Cecília Meireles que as mulheres não metrificam no Brasil), mas dá um passo além, pois o primeiro ainda está em sua grande parte atado ao lirismo amoroso-confessional, mesmo que na última seqüência, a dos poemas amazônicos, o eu lírico saia de si para ver as coisas ao redor. A complexidade estrutural e a variedade temática, percebidas no segundo livro, demonstram que a autora não se acomodou, não se repetiu – em poesia, com que não se ganha dinheiro, muito pelo contrário, repetir-se não faz sentido. Só há uma justificativa em repetir uma fórmula em literatura: é quando se ganha dinheiro com ela, *vide* os autores de *best-sellers*.

O livro é dividido em quatro partes temáticas: “Das palavras”, “Dos lugares”, “Das gentes” e “Dos amores”, nesta ordem. É na primeira, uma reflexão sobre a linguagem numa seqüência de dez poemas, onde se encontram mais amiúde as ousadias formais: poema-ensaio, paronomásias, jogos verbais, inversão de atributos, onomatopéias e uma crítica à poesia visual com armas desta. A segunda parte, “Dos lugares”, é composta de registros sobre onde a autora passou ou morou, com destaque para o primoroso tandem “Mar de inglês” – “Mar de Creta”. “Dos lugares” fecha-se com uma curiosidade corajosa: “O mundo e a aranha”, primeiro poema da literatura ocidental a falar mal de um bicho literário por excelência, pelo que guarda de semelhança com o ofício de escrever (tecer) o texto (a teia) para enredar o leitor (a presa), *vide* Valéry, Bandeira, Ponge, Cabral etc.

“Das gentes”, a terceira parte, recolhe os poemas engajados (não confundir com panfletários), onde incide o olho sensível da poeta sobre os desmandos, desleixos, descabros e desaforos que nos assaltam sem nem mesmo precisarmos botar o pé na rua, basta ligarmos a tv, que dirá pararmos num sinal e olharmos em volta, como faz a autora. Estes poemas são bem de alguém “à deriva”, em sintonia com o descentramento do mundo.

O livro encerra-se com “Dos amores”, que é uma retomada da primeira parte do livro anterior, só que em tom menor, sem tanto fogo, nem tanto mel. Há uma atmosfera de desencanto que, se não fez bem ao eu empírico, fez à poesia.